

HELENA P. BLAVATSKY

A VOZ DO SILÊNCIO

E outros fragmentos
do Livro dos Preceitos Áureos

Tradução de
Fernando Pessoa

alma
dos
livros

PREFÁCIO

As páginas seguintes são extraídas do Livro dos Preceitos Áureos, uma das obras dadas a ler aos estudiosos do misticismo no Oriente. O seu conhecimento é obrigatório naquela escola cujos ensinamentos são aceites por muitos teosofistas. Por isso, como sei de cor muitos destes preceitos, a tarefa de passá-los para o papel tornou-se mais fácil.

É bem sabido que na Índia os métodos de desenvolvimento psíquico divergem segundo os Gurus (professores ou mestres), não só porque eles pertencem a diferentes escolas de filosofia, das quais há seis, mas também porque cada Guru tem o seu sistema, que em geral mantém cuidadosamente secreto. Mas para além dos Himalaias, não há diferença de métodos nas escolas esotéricas, a não ser que o Guru seja simplesmente um Lama, pouco mais sabendo do que aqueles a quem ensina.

A obra, de onde são estes trechos, forma parte da mesma série daquela de onde são tiradas as estrofes do Livro de

Dzyan sobre que A Doutrina Secreta se baseia. Juntamente com a grande obra mística chamada Paramartha, a qual segundo nos diz a lenda de Nagarjuna, foi ditada ao grande Arhat pelos Nagas ou serpentes – nome dado aos antigos iniciados – o Livro dos Preceitos Áureos invoca a mesma origem. As suas máximas e conceitos, porém, por nobres e originais que sejam, encontram-se muitas vezes, sob formas diversas, em obras sânscritas, tais como o Jnaneshvari, esse soberbo tratado místico em que Krishna descreve a Arjuna, em cores brilhantes, a condição dum iogue plenamente iluminado; e ainda em certos Upanishads.

Isto, afinal, é naturalíssimo, visto que quase todos, senão todos, os maiores Arhats, os primeiros seguidores do Gautama Buda, foram hindus e árias, e não mongóis, sobretudo aqueles que emigraram para o Tibete. As obras deixadas só por Aryasangha são, só por si, numerosíssimas.

Os preceitos originais estão gravados sobre oblongos delgados; as cópias muitas vezes sobre discos. Estes discos ou chapas são geralmente conservados nos altares dos templos ligados aos centros onde estão estabelecidas as chamadas escolas «contemplativas» ou Mahayana (Yogacharya). Estão escritos de diversas maneiras, às vezes no idioma do Tibete, mas principalmente em ideógrafos. A língua sacerdotal (senzar), além de ter um alfabeto seu, pode ser traduzida em várias maneiras de escrita em caracteres cifrados, que têm mais de ideogramas do que de sílabas. Um outro método (lug, em tibetano) é o de empregar os números e as cores, cada um dos

quais corresponde a uma letra do alfabeto tibetano (trinta letras simples e setenta e quatro compostas), formando assim um alfabeto criptográfico completo. Quando se empregam os ideógrafos há uma maneira certa de ler o texto; como, neste caso, os símbolos e os sinais usados na astrologia, a saber, os doze animais zodiacais e as sete cores primárias, cada uma tripla em seu matiz (claro, primário e escuro), representam as trinta e três letras do alfabeto simples, formando palavras e orações. Porque neste método os doze animais, cinco vezes repetidos e juntos aos cinco elementos e às sete cores, compõem um alfabeto completo de sessenta letras sagradas e doze signos. Um signo posto no princípio de um parágrafo indica se o leitor tem de soletrar segundo o modo índio (em que cada palavra é apenas uma adaptação sânscrita), ou segundo o princípio chinês de ler os ideógrafos. O modo mais fácil é, porém, aquele que não deixa o leitor empregar qualquer língua especial, ou o que quiser, visto que os sinais e os símbolos eram, como os números ou algarismos árabes, propriedade comum e internacional entre os místicos iniciados e os seus seguidores. A mesma peculiaridade é característica de uma das maneiras chinesas de escrever, que pode ser lida com igual facilidade por qualquer pessoa conhecedora dos caracteres: por exemplo, um japonês pode lê-la na sua língua tão prontamente como um chinês na sua.

O Livro dos Preceitos Áureos – alguns dos quais são pré-budísticos, ao passo que outros pertencem a uma época posterior – contém uns cinquenta pequenos tratados

distintos. Destes aprendi de cor, há muitos anos, trinta e nove. Para compilar os outros, teria de me referir a apontamentos dispersos entre um número de papéis e notas, representando um estudo de vinte anos e nunca postos em ordem, demasiado grande para que a tarefa fosse fácil. Nem poderiam eles ser, todos, reunidos e dados a um mundo demasiado egoísta e atado aos objetos dos sentidos, para que pudesse estar preparado a receber, com a devida atitude do espírito, uma moral tão elevada. Porque, a não ser que um homem se entregue perseverantemente ao culto do conhecimento de si próprio, nunca poderá de bom grado dar ouvidos a conselhos desta natureza.

E contudo esta moral enche tomos e tomos da literatura oriental, sobretudo nos Upanishads. «Mata todo o desejo de viver», diz Krishna a Arjuna. Esse desejo mora apenas no corpo, veículo do ser encarnado, e não na própria Individualidade, que é «eterna, indestrutível, que não mata nem é morta» (Katopanishat). «Mata a sensação», ensina o Sutta Nipata; «olha do mesmo modo para o prazer e para a dor, para o ganho e para a perda, para a vitória e para a derrota». E ainda, «busca abrigo só no eterno» (ibid). «Destrói o sentido da existência separada», repete Krishna de variadas maneiras. «O Espírito (Manas), que segue os sentidos vagabundos torna a alma (Buddhi) tão inerte como o barco que o vento arrasta sobre as águas» (Bhagavad Gita, II, 67).

Por isso se julgou melhor fazer uma escolha judiciosa só entre aqueles tratados que mais sirvam aos poucos verdadeiros místicos que há na Sociedade Teosófica, e que com certeza se ajustem às suas necessidades. Só esses compreenderão estas palavras de Krishna-Christos, a Personalidade Superior:

«Sábios, não choreis nem pelos vivos nem pelos mortos. Nunca deixarei de existir, nem vós, nem estes reis dos homens; nem no futuro deixará qualquer de nós de existir.»

(Bhagavad Gita, II, 11-12)

Esforcei-me por conservar a beleza poética da expressão e das imagens, que caracteriza o original. Compete ao leitor avaliar até que ponto o consegui.

1889.

H.P.B.

[O *Jnanesbhvari*, tal qual hoje se conhece, está escrito em maharashtra (marati) e consiste do *Bhagavad Gita* e dum comentário sobre este.]